

No tonel de Diógenes:
a Inglaterra vista e sentida
por Almeida Garrett (1823-1830)
Hélio Osvaldo Alves

Vivas e reines, Albião famosa,
Domicílio da Honra, e Probidade:
Vivas e reines, inclyta Cidade,
Do Tamesis Real, Filha fermosa.

Tu es, ó Terra illustre, e generosa,
Certo refugio em dura adversidade:
Tu nos vás dissipando a tempestade
Mais feia, mais cruel, mais horrorosa.¹

O «delicioso pungir de acerbo espinho» que repassava o «íntimo peito» de Camões afastado da pátria, – no dizer de Garrett – embora amargo e doloroso, iria ainda conseguir ser fonte de alguns prazeres quiçá ilusórios que nenhum dos dois, personagem ou autor, houve por bem entretanto esmiuçar. (II-301)²

Desses parcos prazeres que experimentaria no exílio, e com os quais contactaremos posteriormente, não se dava conta ainda Garrett quando, já a bordo do paquete inglês *Duke of Kent II*, ancorado no Tejo naquele fatídico dia 9 de Junho de 1823, amaldiçoava aquele país de «escravos e miséria» (I-614), que não se coibia de «mostrar mais clara a vergonha de

um povo envilecido». (I-613) Na verdade, desde o dia 5 de Junho que Lisboa se iluminava para acolher D. João VI que, pretensamente apaziguador, oferecera poucos dias antes em Vila Franca de Xira o comando do Exército a seu filho, D. Miguel, aprovando assim implicitamente o *putsch* absolutista da “Vila-Francada”. A cidade, na visão enevoada de cólera de Garrett, rasgava com essas iluminações festivas, intrusa, o manto reconfortante da noite, única protecção agora perdida contra «os vergões de opróbrio com que vos chagou as costas cobardes essa legião de escravos armados, que vos calcam e espezinham [...]» (I-613) De todo este mundo em colapso interior e exterior, o fugitivo conseguira escapar-se, embarcando às 9.30 da noite, «ocultamente», como quer Gomes de Amorim, seu primeiro biógrafo, em grande risco de ser preso pelos esbirros do absolutismo³.

Com a derrocada da liberdade, Garrett ansiava agora pelas paisagens do Tamisa para poder refrescar-se «do ardor deste sol do meio-dia» (I-615), muito à semelhança do que sentiria Oliveira Martins, quase setenta anos depois, quando decidira embarcar também para Inglaterra a fim de «tomar ar», segundo a sua própria expressão irónica, numa espécie de exílio esperançosamente saudável que impusera a si mesmo⁴. Esta ânsia de uma mudança geográfica, com a qual o exilado aguardava algumas significativas repercussões na própria psique, voltaria a ser demonstrada à saciedade quando o navio em que Garrett viajava se avizinhou da terra das brumas: «Viva Álbion e as suas névoas», exclamaria o poeta que, liberto do pesadelo imediato, respirava já os novos ares:

Mais puro é este ar com toda a sua humidade que esse outro que se respira no delicioso clima das nossas Espanhas, apesar de sua clareza e puridade. – Pelo menos é livre este [...] (I-616)

Seria, porventura, esta sensação de liberdade renovada que permitiria a Garrett experimentar, logo que desembarcado em Falmouth, na Cornualha, em 28 de Junho, um dos prazeres do exílio a que se fez referência acima. Tratava-se, na súbita impotência descritiva do autor, de um «prazer indefinível e ininteligível para qualquer que o não tenha experimentado», parafraseando, de certa forma, o poeta que lhe serviria de tema, retratando embora uma situação consentânea com um mais aceitável pudor. Chegar a terra era, pois, a fonte de todo esse profundo e intraduzível prazer, o qual

adquiriria um significado mais penetrante do que o simples abandono de um balouçar enjoativo. Estava aqui de certa maneira mitigado algum peso psicológico do desterro, embora o seu alívio completo só nos braços da «Suave Délia» o pudesse o poeta, em fantasias, encontrar (I-1636).

Mas que *terra* é esta para este desterrado? São variados os dados que Garrett foi coligindo sobre a Inglaterra, sobre os quais emitiu algumas opiniões, muitas vezes desconexas e até contraditórias, conforme as circunstâncias, embora quase sempre elogiosas para com o país anfitrião, especialmente durante o seu primeiro exílio a maior parte do qual passada em França (1823-26). Antes deste período, porém, e no seu «Ensaio Sobre a História da Pintura», pequena obra da juventude (1821), podia ler-se já dos ingleses e do seu país este frio diagnóstico que, de tão seco e peremptório, parecia não admitir discussão alguma:

A natureza do país não é bela, o sexo frio e desleixado; as proporções do corpo em geral irregulares, mal feitas; o carácter da nação duro e ríspido; os costumes ferozes [...] (I-549)

Que diriam Byron e Walter Scott deste seu supostamente futuro discípulo se a este texto tivessem tido acesso? Este retrato impiedoso e cru do país e das suas gentes servia ao autor para justificar a sua polémica afirmação de que um povo assim não podia possuir o génio da pintura, sendo Benjamin West cotado pelo jovem Garrett como o único inglês cujas obras mereceriam colocar-se a par das «boas» das outras nações. West, diga-se de passagem, nunca deixou de ser, apesar de Garrett, um discípulo menor do grande *Sir* Joshua Reynolds, pintor que o jovem autor não se incomodara sequer em mencionar, para além de outros de nomeada semelhante (I-549). Com a leveza de falácias deste género se vão criando alguns vazios endeusamentos.

Por outro lado, pertence também a esta época juvenil a expressão crua, mas saudável, de marcados sentimentos de repulsa contra a protecção/colonização britânica de Portugal, dando assim razão à análise do biógrafo Gomes de Amorim quando mais tarde retratasse o sentir de uma geração: «Era perfeito o *inglezamento*, que a maioria da nação achava insupportavel e por isso ansiosamente esperava o instante de libertar-se.» (FGA I-157) Por sua conta, e antecipando este mesmo tom com alguma violência de linguagem, escrevera já Garrett em 1819, no Porto, essa

cidade em que tão visíveis eram a influência e o poderio económico dos ingleses:

Sim, amigo; esta corja odiosa e bárbara,
 Opressora da Lusa liberdade,
 Esta canalha de Al-b-on soberbo
 Aqui fixou seu trono.
 De botelhas coroadas, e de olhos, boca,
 Das orelhas, nariz e doutras partes
 Esguichando cerveja, numa glória
 De espesso nevoeiro,
 Pousou seu génio bruto em nossos muros;
 O nacional *God-damn*, e o frasco a pino,
 Nos bebe o vinho, nos esbulha as bolsas,
 Dá-nos em troco os sestros.
 Dá-nos as manhas, os costumes ferros,
 As ridículas modas, enfim tudo
 Quanto não é o amor de certa coisa
 Que a bonzos, naires fede. (I-1550-1)

Nesta altura, estariam ainda bem frescos na memória dos mais conscienciosos os tristes acontecimentos de 1817 ligados ao opróbrio da condenação e execução de Gomes Freire de Andrade e dos outros patriotas que o tinham acompanhado no seu corajoso gesto. Embora na noite da execução, felizmente, houvesse luar, como Sittau Monteiro tão poética e dramaticamente quis sublinhar para os nossos dias numa das suas peças de maior renome, Gomes de Amorim, escrevendo em 1881, iria aproveitar as reverberações do profundo choque que este episódio causara para lançar um sério aviso às gerações sem que o amaciasse com a suave intervenção do luar: «Que os nossos filhos e netos tomem nota d'este facto, que não é o unico em que se tem mostrado a *efficacia* da protecção britannica» (FGA I-132). Na realidade, continuava o mesmo autor com inevitável ironia, tendo tentado guardar para si a glória e o proveito das guerras com a França, os ingleses, «cansados, magros, necessitavam de alguns annos de regimen, vinho do Porto e boas carnes, e reflectiram judiciosamente que era preferivel comer e beber aqui de graça a ir para Inglaterra pagar estas cousas» (FGA I-114-15). Dentro de nove anos, esta ferida iria reabrir-se de forma brutal com o desgraçado episódio do Ultimato.

A expulsão de Beresford na sequência da revolução de 1820 criara um azedume nas relações entre os dois países de que Garrett e outros exilados viriam a sofrer as consequências, o que lhes acentuaria as á inúmeras dificuldades do exílio (FGA I-331). Mais uma vez, Gomes de Amorim, amigo pessoal de Garrett e seu entusiástico biógrafo, retrataria com alguma clarividência a situação de um qualquer desterrado nestas circunstâncias:

Não ha dôr, para corações amantes e sensíveis, como a que os lacera, aos primeiros passos dados no caminho do desterro. Nada mais cruel do que deixar a terra em que nascemos, a família, os amigos, tudo quanto amâmos e todos que nos amam, para irmos offerecer a estranhos o espectáculo da nossa desventura, e pedir-lhes o seu pão amargo em troca do nosso trabalho!

[...] Mas se emigrâmos, fugidos ás perseguições politicas de adversarios implacaveis, [...] então não ha penna que possa descrever taes magoas! (FGA I-289-90)

Uma das várias tentativas que Garrett fez para descrever «taes magoas», incluiu-a ele na *Lírica de João Mínimo*, livro de poemas publicado em Londres em 1829, no seu poema «O Exílio», datado já de Novembro de 1823:

[...] — Vês essas névoas
Como escondem o azul e os céus, que engrossam
Coa cerração pesada e melancólica
Deste país de exílio, desta pátria
Dos taciturnos, gélicos britanos? (I-1635)

Apesar de tudo isto, logo nas primeiras horas do desterro em solo inglês, e mesmo tendo afirmado dois anos antes que a paisagem física da Inglaterra nada tinha de belo, como já vimos, Garrett iria rapidamente discordar de si mesmo face a uma realidade que agora contactava com algum incontido entusiasmo. Atravessando pela primeira vez a Cornualha e conquistado já pela rapidez e eficácia dos transportes e pela possante raça dos cavalos que puxavam os coches, raça esta cuja pujança não tinha comparação com «as afeminadas castas de Andaluzia e Alter», Garrett exclamava: «Que beleza de campos e de arvoredo! Que lindas e pitorescas situações de casas, *cottages*, e quintas! Todavia é esta a mais feia província de

Inglaterra.» (I-618) O exilado parecia desejar encontrar, desde logo, na paisagem que já denegrira em prosa bastarda, a presença física de um acolhimento que esperava vir a faltar-lhe pois que, obviamente, não haveria qualquer calor humano à sua espera: «Entre essa multidão nem um amigo.» (I-1636)

Todavia, e apesar de toda a solidão de que Garrett sempre se queixava, não existem dúvidas quanto ao fraterno acolhimento que lhe proporcionou a família Hadley, em cuja casa, no condado de Warwick, ficaria alojado, e onde passaria «á volta de seis meses, não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e por ventura os mais felizes» da sua vida. (FGA I-314) Esta gratidão está patente por várias vezes na sua obra e muito especialmente em *Camões* (1825) onde exclama:

Minha terra hospedeira, eu te saúdo!
 [...] sobeja-me a lembrança
 Indelével, e a voz não morredoura
 Da amizade gratíssima e sincera. (II-302-3) ⁵

Também em *Viagens na Minha Terra*, embora incutindo ao seu texto um inusitado amargor que pretenderia romântico, se recordou Garrett, pela voz de Carlos, do pouco tempo que passara na Inglaterra, «os primeiros que posso dizer que vivi» ⁶.

Garrett, porém, cedo se haveria de queixar ao seu amável e condescendente anfitrião das «eternas planícies de Inglaterra e da monotonia enfadonha que daí [resultava] ao aspecto do país.» (I-628) Esta mesma «chatidão» assaltava também as margens do Tamisa, «rasas, monótonas e sem mais beleza que a verdura dos seus pastos» (I-618), compensada somente pela animação e vida que agitavam o rio. Se não fora isto, nada se poderia comparar «à vista dos serros pitorescos, bosques encantados, e mais belezas poéticas, de que se arreiam as viçosas margens do meu Tejo» (I-618-19).

Mesmo assim, largo e ostensivo, o Tamisa levava envolvidos em suas águas «a civilização, o comércio, as leis, a religião (e também os vícios) do primeiro povo da Terra aos quatro quartos do Universo». Daí estar também sempre conotado com o poderio do império britânico e com os despojos do mundo inteiro que lhe sufocavam a beleza de rio tranquilo «[p]or entre

margens de troféus correndo.» (I-1639) É desta mesma época (finais de 1823), mais este retrato incómodo do rio e da civilização que o tornara um símbolo de mal-estar internacional:

Vi horas longas deslizar-se o Tamisa
Por entre esses palácios, essas torres
Coroadas dos despojos do Universo,
Salpicadas do sangue de reis ímprobos ...
Os malfadados — monumentos grandes,
Torres, palácios que memórias guardam
De artes, de heróicos feitos, de virtudes
E de crimes também. (I-1636)

E para cúmulo de todo este desencanto paisagístico que se foi infiltrando no seu espírito, mesclado embora de outros sentimentos mais íntimos e significantes, Garrett não se coibiu de deixar sair este grito de alma na madrugada do dia 26 de Janeiro de 1824, na qual encetava a sua viagem para o Havre: «Que triste é uma aurora neste país e estação!» Para além do mais, as inefáveis belezas meridionais de um despontar do dia, «aqui há mister grande força de imaginação para as poder conceber». (I-630) Assim se despedia o poeta das paisagens inglesas neste seu primeiro exílio no estrangeiro.

A geografia humana da Inglaterra suscitaria também a Garrett alguns curiosos e contraditórios retratos na colecção de fragmentos manuscritos a que chamou «Diário da minha viagem a Inglaterra» (Birmingham, 1823). Este povo «honrado e religioso», para quem, na nova e surpreendente opinião do exilado, quebrar um juramento seria «o vilíssimo dos crimes» (I-617), parecia constituir o elo principal do seguro cadeado que fechava e defendia a «ilha bem-aventurada». Seria o «ânimo independente e o coração fornido de liberdade e patriotismo» desse povo que congregavam e uniam toda a sociedade, desde «o poderosíssimo dos lordes até ao ínfimo dos artistas e mecânicos de suas aldeias.» (I-619) Era este o segredo, aparentemente partilhado de forma ecuménica por todos os habitantes sem distinções sociais, que fazia com que, na opinião entusiástica do exilado, o pavilhão britânico, «benigno estandarte de protecção» para o foragido, fosse «senhor dos mares, e triunfador dos quatro ângulos da Terra», (I-622) sob cuja sombra respeitada o poeta se acolhia. É também no

poema «A Morte de Riego», escrito em Londres em 1823, que esta ideia do poder universal da Inglaterra apareceria ainda outra vez sublinhada:

Generosa nação, digna do ceptro
Que aos ângulos estendes do Universo. (I-1642)

Daí ser natural, segundo Garrett, que a soberba do taciturno John Bull reinasse, indomável, na sua ilha, indiferente a tudo o que estivesse para além das «suas botelhas» e dos seus negócios, cogitando, num auto-convencimento perene, que o estrangeiro não era gente por não ser inglês. Quando se poderia esperar, contudo, alguma rejeição desta ideia da parte de Garrett, até por causa de alguns dos antecedentes que já vimos, confirma-a ele, grave e peremptório, elevando-a a uma decisão inapelável dos fados imposta sobre aquele cidadão a quem não é oferecida, infelizmente, qualquer outra alternativa senão a de sentir orgulho de si mesmo:

Orgulhosos sois (não há [que] negá-lo) mas que sólida base não tem o vosso orgulho, e que razões a milhares vos não levam quase por força a desprezar o resto dos viventes, e a vos ter em tão alta conta? — Ricos, triunfantes, senhores do mar, poderosos na Terra; livres e cidadãos em vossa ilha, reis e déspotas no continente, eis aí o que há sido esse povo, e o que agora é mais que nunca, quando nenhum rival em glória e liberdade lhe apresenta o degenerado e acobardado continente!... (I-616)

Seria também desta forma que, mencionando de novo o Tamisa e juntando mais esta característica às que já sobejamente comentara, o rio poderia então arvorar-se, metaforicamente, em correia de transmissão universal de um sistema político e social que parecia funcionar com a precisão de um relógio, perpetuando a sua própria eficácia e renovação, ao mesmo tempo que cativava o encantado viajante sem hesitações. Um sistema político e social em que «O asseio, a riqueza, o arranjo, o sistema de ordem e regularidade que nas mais pequeninas coisas se observa é único e privativo deste país.» E mais:

[...] desde a constituição do Estado, desde a grande máquina do Governo britânico até ao pequeno engenho da economia de um *cottage*, de uma cabana de aldeia, tudo anda certo, regular, direitinho e metódico: tudo *vai por si* como um relógio. (I-617)

A única engrenagem que, nos primeiros meses da sua estadia, parecia não trazer a Garrett qualquer satisfação de meticoloso funcionamento era a do ritual inglês do Natal. O meio ano que passara neste exílio, entremeadado, como fora, por uma missão clandestina a Lisboa pouco tempo depois da sua chegada, com uma desagradável passagem pela prisão do Limoeiro e pelo seu forçado regresso a Inglaterra, criara-lhe, possivelmente, expectativas de que, pelo menos no Natal, alguma recordação reconfortante houvesse do ambiente festivo do seu país nessa época. Triste ilusão que só lhe iria acicatar as saudades e algumas más-vontades pouco adormecidas:

Natal da minha terra, que lembranças
Saudosas e devotas
Tenho de tuas festas tão gulosas,
E de teus dias santos
Tão folgados e alegres!

Mas os heréticos ingleses não podiam escapar à culpabilização de criarem uma situação 'natalícia' tão aberrante, aliás já bem e merecidamente castigada pelos poderes fulminantes de uma certa Igreja, a que Garrett apela no seu aparente desespero, meio sério, meio jocoso:

Que Natal este! — Sempre sois herejes,
Meus amigos Ingleses.
Bem haja o Santo Padre, e a sua bula
De fulminante anátema
Que excomungou estes ilhéus descridos!
Oh! nunca a mão lhe doia.

Mas pior do que tudo o que se possa ler neste poema, «O Natal em Londres», datado de Dezembro de 1823, surge-nos o violento retrato que Garrett faz dos ingleses alguns versos abaixo, em que a pretensa jocosidade não consegue disfarçar o sabor amargoso que os versos deixam, com marcadas semelhanças com aquele outro retrato que dos ingleses fizera já em 1819. Desta vez, assim tange azedamente a lira do proscrito:

E estes excomungados protestantes,
(Olhem que bruta gente)
Sempre casmurros, sempre enregelados

Bebendo no seu *ale*,
E tasquinando na carnal montanha
Do *beaf* [sic] cru e insípido! (I-1644-5)⁷

Os sentimentos expressos neste poema eram reflexo exacto, afinal, fora a violência da linguagem, de um dos últimos textos que Garret escrevera incluído nos seus apontamentos de viagem de que vimos falando. Também este texto sublinhava a tristeza que assaltara o poeta neste seu primeiro Natal passado «entre estranhos», fazendo incidir a sua ironia, de igual modo, sobre a monumentalidade das várias carnes de boi e de carneiro expostas ao curioso interesse do público. De repente, face a esta abundância inusitada para olhos lusitanos, o exilado iria passar das expressões de saudade e de ironia para uma entusiástica aceitação de um certo protecționismo oficial dado à promoção de diversas carnes para consumo: «Tudo quanto é útil acha protectores, e promotores: feliz gente, abençoado país!» (I-627-8)

Por esta via fecha-se de novo o círculo e podemos regressar, então, ao ritmo certo e cadenciado do relógio social inglês que tanto tinha impressionado Garrett. Logicamente, esta cadência ininterrupta era extensível, na opinião generalizante do poeta, desde os «palácios do *Westend* em Londres até à mais pobre *cottage*, da província de Cornwall» (I-626), num país de igualdade de oportunidades que Garrett ia construindo na sua mente com o pouco que observava, ou que lhe deixavam observar. Habitando com os generosos e acolhedores Hadleys, protótipo da família da alta burguesia mercantil ou industrial da época aspirando a um mundo de intelectualidade que lhes faltava de raiz, natural seria que a Garrett não fosse fácil contactar com os mundos que pululavam abaixo dessa classe, mesmo que quisesse (o que não parece ter sido alguma vez o caso).

Porém, logo que, mesmo por razões de mero acidente, o contacto com esses outros mundos se tornou inevitável por via de uma simples rota de colisão, os sentimentos humanitários de Garrett surgiram imediatamente à superfície para, lastimosamente, logo desaparecerem de seguida. A convite dos Hadleys, preocupados com as maneiras de lhe proporcionarem algum entretenimento, o poeta deslocou-se às ruínas do castelo de Dudley. Seria durante esta visita, efectuada em Janeiro de 1824, poucos dias antes da sua partida para se fixar no Havre, que o chocado viajante teria oportunidade de contactar, aparentemente pela primeira vez (e única), e por isso

mesmo anota as suas impressões, com o outro lado da Inglaterra do seu tempo. O choque inspirou em Garrett um pequeno texto dickensiano *avant la lettre*, que merece ser transcrito:

O esmalte das campinas vai diminuindo de seu viço, a aparência das casas é já menos elegante, a atmosfera menos pura, até os gestos dos camponeses que encontramos têm não sei quê de mais rude e selvagem. Em breve demos num país árido, feio, e melancólico como um dia de derradeiro outono inglês. Campos negros, casas tristes, o chão revolvido e queimado, todos os sinais dum vulcão vizinho. Aumenta esta aparência o calor do ar, as nuvens de fumo que enlutam o céu, a multiplicidade de clarões sulfúreos que se divisam por entre a névoa, o próprio cheiro desagradável do enxofre, e o semblante pálido dos poucos, rotos e miseráveis habitantes que se encontram. Algumas toesas mais de caminho me deram a razão da mudança: vimos a boca de uma mina de ferro, e junto dela uma fábrica trabalhando com sua possante máquina de vapor. Desta mina, e doutras como esta (das quais algumas são também de carvão, e entre todas inumeráveis) provêm os fogos que avistei, o fumo, a desolação do campo, e todos os outros desagradáveis sintomas de uma terra de minas e mineiros. (I-632)

E mais adiante:

Negra toda a vasta campina, e coberta de fezes ou escória de ferro e sedimentos de carvão: aquém e além pequenas e miseráveis habitações também negras e tristes, dispersas irregularmente. Um braço de água estagnada e mal cheirosa (parte do canal de Birmingham) atravessa a campina, mas sem murmúrio, sem nenhum sinal de animação e vida que sempre dá um ribeiro às margens do prado por onde passa: calado, triste e sem corrente, apenas se ouve o som da água, quando a ferem os enormes lemes das barcas que vão passando. No momento em que parámos, ia uma carregada com três altos de carvão; à ré um velho, cego e membrudo barqueiro com todos os ares de Charonte. Duas mulheres, cujo aspecto nada tinha de agradável, iam sentadas ao pé dele, sérias e carregadas, mesmo como duas inglesonas puritanas, tinham todo o jeito de duas almas

recém-chegadas que o barqueiro do Estige passa para o outro lado pelo módico preço de um óbulo. (I-632)

Convenientemente curta se mostra esta passagem pelas portas dos infernos. Em breve, muito em breve, o fascínio das ruínas do castelo de Dudley e as fantasias românticas e decididamente pueris que despertaram no autor e no seu jovem anfitrião iriam ser por demais atraentes para rapidamente fazerem esquecer a realidade com que se tinham confrontado dois passos atrás. Por outro lado, seria esta visita que lhe traria também alguma exaltação autêntica de poeta Romântico, e que lhe iria inspirar os versos com que haveria de abrir o canto VII do poema *Camões*, sem poder evitar que esse sentimento lhe voltasse a acender as sempre latentes saudades da pátria:

Eu vi sobre as cumeadas das montanhas
De Álbion soberba as torres elevadas
Inda feudais memórias recordando
Dos Britões semibárbaros. Errante
Pela terra estrangeira, peregrino
Nas solidões do exílio, fui sentar-me
Na barbacã ruínosa dos castelos,
A conversar coas pedras solitárias,
E a perguntar às obras da mão do homem
Pelo homem que as ergueu. [...]
Doía-me alma
Na solidão das ruínas; e a lembranças
Mais gratas me fugia o pensamento,
Para os vergéis da pátria esvoaçando. (II-373-5)

Se lhe doía a alma «na solidão das ruínas», também antes lhe doera ao contemplar a situação a que estava reduzida a condição humana ali tão perto, muito embora não tivesse então questionado aquelas «obras da mão do homem», aparentemente, sobre a identidade do homem que as erguera e que naquela degradante sujeição sustinha aquelas gentes. Era esta a realidade das minas e das fábricas bem visível por toda a Inglaterra da época para quem a quisesse ver, tanto nas zonas rurais como nas cidades industriais, transformadas estas em inimagináveis repositórios de degradação para a grande massa das suas populações trabalhadoras.

Mesmo depois do seu novo exílio na Inglaterra a partir de Junho de 1828, Garrett nunca se mostraria preocupado com esta situação, nem daria sequer mostras de a conhecer. Os seus interesses pareciam querer centrar-se mais no que se passava em Kensington Gardens e com as *belles* que por lá se passeavam, bem como no rodopiante mundo da alta burguesia. Neste, tinha sido introduzido pelos Hadleys que, recordemos, eram representantes daquela classe média que, rejeitando esta designação de si mesma, estava à época invadindo os palácios e os centros do poder em avassaladora vaga de fundo. (I-651) O próprio Garrett não conseguiu (não quis) libertar-se desse envolvimento contagiante, daquilo a que mais tarde o deputado José Estêvão – mais crítico e acutilante – chamaria «os pasmatórios de Londres». (I-1306) Seria pela mão do Marquês de Palmela, outro ilustre exilado, que o proscrito penetraria finalmente nos salões da aristocracia, deixando para trás o provavelmente já esquecido «delicioso pungir de acerbo espinho». Ouçamos a descrição embevecida de Gomes de Amorim quando comenta esta nova situação a que o exilado teve acesso:

Foi n'essa sociedade que elle acabou de completar a sua educação de homem do mundo e de perfeito cavalheiro, adquirindo certo aprumo e gravidade, que se casavam admiravelmente com as maneiras distinctas e apurado gosto, que devia mais á sua natureza do que ao contacto da gente polida. Em muitos dos seus escriptos [...] se revela o criterio com que estudou os usos e costumes da vida ingleza, do *high-life*, como hoje se diz, mostrando-se iniciado em todos os segredos da mais selecta elegancia *fashionable*.

[...] Não lhe faltaram jantares principescos, nem bailes sumptuosos, e por mais de uma vez recebeu a honra de tomar assento no caleche elegante de varias *ladies*, que o levavam a passeio. (FGA I-474)

Por certo que passeios destes nunca mais o iriam transportar, mesmo por acidente, à indizível tristeza dos campos e das gentes à roda das ruínas de Dudley ou de locais semelhantes. No artigo intitulado «O Inglês», que Garret iria publicar incompleto mais tarde em *A Illustração* (1845), está extremamente bem patente toda esta frivolidade. Descrevendo estes ambientes com o maior gosto, o autor dava mostras de não rejeitar pertencer-lhes plena e conscientemente. A mulher inglesa, reduzida ao seu papel de cativante beldade e pouco mais, os *dandies* no seu elegante

devaneio pelos lugares *fashionable* dessa sociedade, mesmo que isso não tivesse outro significado, os infantis jogos de amor de uns e outros, tudo resplandecia numa sarabanda de felicidade e bem-estar aparentemente sem perturbações, retrato, afinal, de um país ideal, sem mácula (I-644-8). Gomes de Amorim comunga mais uma vez ardentemente nesta visão de Garrett, pois que, em sua opinião, «A sua natureza era propria para se assimillar áquelles usos e vida aristocratica. Parecia-lhe ter nascido para essa sociedade; sentia-se ali no seu elemento, como o peixe creado em vaso, quando o deitam no rio ou no lago.» (I-475) Não admira, portanto, que em Novembro de 1828, tendo ido viver temporariamente para Birmingham, típico exemplar urbano, cinzento e negro, do cordão industrial do norte da Inglaterra, o exilado denunciasse o seu fastio classificando a cidade como «este deserto onde me vim encafuar.» (FGA I-476)

Fastio semelhante parecia ser o dos portugueses exilados em Plymouth, no curiosamente chamado «Depósito», de onde, datado de 29 de Setembro desse ano, nos chega este franco e relevante testemunho:

Sulcando as ondas com fervor activo
 Por fogir á cruenta Escravaidaõ
 Busca o Luso fiel a salvação
 Errante, vagabundo, e fogitivo:

Conforto achar não póde, ou lenetivo
 Que mitigue a penoza situação
 Apró da liberal Constituição,
 A morte encara com valor altivo:

Tal he, Oh Pedro, nossa infausta sorte,
 Tal o cruel constante avesso Fado,
 Sem ter-mos de ventura hum só transporte;

Geme o Luso fiel, o Luso honrado;
 Folga o Traidor, que merece a morte,
 Em ferreo Throno, que uzurpou, sentado.⁸

Poder-se-á achar plausível que os sentimentos aqui expressos não repugnassem a Garrett. O mesmo talvez não se possa dizer do valor poético da composição do próprio soneto...

Todavia, bem diferentes dos escritos que vimos analisando, como se de outro escritor se tratasse, são algumas das análises políticas e sociais inscritas em *Portugal na Balança da Europa*, trabalho este publicado em Londres em 1830 e que, segundo Gomes de Amorim, teria sido aplaudido pelo próprio William Godwin, o qual, em 1793, inscrevera já o seu nome entre os dos maiores filósofos ingleses de todos os tempos⁹.

Inspirado pelos acontecimentos da revolução francesa de 1830, este ensaio elegia a «ilustrada e experimentada» França, «centro da civilização do mundo» (I-803), bem como o povo francês e também o seu sistema representativo, coisa impensável para um anglófilo, como paradigmas incontornáveis da civilização no primeiro quartel do século XIX, e ainda como lição essencial a levar em conta para a inspiração da necessária e premente luta armada contra o absolutismo.

Era esta a França que o poeta nos mostrava agora, aquela «[g]enerosa e imortal nação, primeira nação da Terra, nobre propugnadora dos direitos dos povos», (I-921) herdeira daquela revolução de 1789, «detonação eléctrica, que se comunicava, crescia, e crescendo destruía e abrasava.» (I-831) Desta explosão, só os ingleses se tinham conseguido afastar devido às muitas liberdades e franquias que, com a Lei dos Direitos, a Revolução Gloriosa de 1688 lhes tinha trazido, arrastando-os para um viver acomodático de cujos objectivos não faziam parte «novas e arriscadas conquistas.» Mas foi desta tendência natural ao repouso ou, mais concretamente, deste «indiferentismo», como Garrett lhe chama, que

puderam e souberam valer-se os oligarcas, para desvairar o ânimo do povo inglês e suscitar em sua opinião uma reacção de ódio e ciúme implacável [à Revolução Francesa], que tão fatal veio a ser à liberdade do Continente e que [...] foi também nas mãos de Castlereagh e seus sucessores instrumento para se reconstruir o antigo despotismo de todo o Sul e parte do Norte da Europa. (I-817)

A doença que corroía as nações «pervertidas e podres» crescia alimentada com essa atitude paralisante, o indiferentismo, moléstia que lançava qual-

quer povo na agonia arrastada da apatia, e que preparava lenta mas seguramente a chegada de um flagelo de Deus, de um déspota, o qual, no caso presente de Portugal, se consubstanciara na figura de D. Miguel (1-796). Acompanhando déspotas deste género chegaria também todo o desgraçado séquito de horrores que sempre esperava estas oportunidades oferecidas pela apatia política. E a história iria repetir-se inapelavelmente:

A oligarquia carregada com os despojos opimos da liberdade entrou de novo em sua torre de ferro, e do alto das ameias feudais deu rebate às classes parasitas desapossadas, aos abusos deserdados, ao fanatismo agrilhado e à ignorância desprezada. Todos os monstros da sociedade, que a liberdade aterrara no dia do seu triunfo, acudiram furiosos a insultá-la no ataúde. (1-836)

Esta violenta rejeição da oligarquia e do indiferentismo por parte de Garrett – purulentas pragas também do nosso tempo – esta profunda consciencialização de um problema comum a povos cultos ou não tanto, teve também o condão de acordar nele próprio outras visões resultantes de um substancial amadurecimento mental conducente a análises mais fundamentadas da situação política e social de alguns países e, principalmente, no caso que nos interessa, da Inglaterra. Para além de denunciar claramente os interesses inconfessáveis que aquele país fora criando em Portugal durante e após as invasões francesas, para além de mostrar com nitidez o apoio escandaloso que, sem quaisquer lampejos de vergonha, presentemente dava ao usurpador, talvez a parte que mais o desgostasse por mais perto de si, Garrett esboçava agora um retrato geral daquele país que não tinha nada a ver com os que traçara anteriormente e que era muito mais consentâneo com algumas interpretações mais esclarecidas – e mais radicais – que tanto então como presentemente se poderiam ter sobre a situação política e social da Inglaterra nessa época. Escrevia agora o ensaísta:

Inglaterra, com suas instituições tão imperfeitas e antiquadas, suas leis tão confusas, sua propriedade tão mal dividida, sua população tão matizada de crenças religiosas, suas classes tão separadas por antigos preconceitos, suas colónias imensas [...] milhões de indigentes a par do maior luxo e riqueza que ainda viu povo nenhum; uma dívida espantosa, tributos enormes [...] (1-843)

Recusando embora esmiuçar, como se poderia esperar, todas estas afirmações, este país tornara-se agora para Garrett no reino maldito em cujas barbacãs a odienta oligarquia se acolitara. Por via disso sofrera também, nessas gloriosas jornadas de 27, 28 e 29 de Julho de 1830, a grande derrota que lhe infligira a «Waterloo dos Povos», essa terrível batalha que se desenrolara no centro da civilização do mundo, a França. (I-921) Mas mesmo apesar desta derrota, e à semelhança do que escrevera já em relação à França, poder-se-ia dizer ainda que a difícil e espantosa estabilidade social de Álbion, na opinião do autor, assentava simplesmente sobre o seu sistema representativo, mesmo que imperfeito e antiquado.

Por isso mesmo, na secção do seu ensaio intitulada «Que Instituições Convenham a Portugal para lhe Garantir Liberdade», Garrett não hesitava em recomendar um sistema político para o seu país que se assemelhasse quase totalmente ao daqueles dois países:

Uma constituição portanto que a Portugal possa convir há-de tomar por base principal a democracia de sua maior e mais importante população; há-de modificá-la depois com o elemento aristocrático que em sua natureza está arraigado, e há-de rematar por fim esse edifício com a *coroa*, a qual forma o vértice da pirâmide, perfeito emblema de uma bem constituída e regular monarquia representativa. (I-931)

Todavia, se atentarmos bem, e não será necessário usufruirmos da nossa vantagem de uma visão histórica retrospectiva, este celebrado sistema representativo era por demais conhecido na própria Inglaterra e noutros países pela corrupção que abrigava no seu seio desde os tempos da rainha Ana, nos inícios do século XVIII, passado que fora pouco mais de um século. Pois que era esse mesmo celebrado sistema que dera, e continuava a dar cobertura ao facto de haver membros do parlamento eleitos por uma percentagem ínfima de eleitores, com um convenientemente longo mandato de sete anos e com as circunscrições eleitorais dominadas, na sua enorme maioria, e tantas vezes escandalosamente, por interesses e influências ligados de várias formas às classes mais abastadas da oligarquia *whig* ou *tory*, indiscriminadamente. Todos estes factos notórios tinham de ser bem conhecidos de Garrett pois que no ano em que escreveu e publicou este ensaio na Inglaterra (1830) já este país entrara na senda da

constante agitação política que, com grande participação das massas populares – que no fim sairiam logradas neste jogo – levaria à sua primeira reforma parlamentar desde sempre. Esta reforma que, com imensas limitações para as classes trabalhadoras, viria a acontecer em 1832, entregaria o poder político nas mãos dos novos arrivistas, a grande burguesia industrial, em detrimento dos antigos senhores, a aristocracia chamada de sangue. No entanto, Garrett calou estas dificuldades e estas movimentações, talvez por as suas preocupações serem outras, ou até para não colocar a nu este lado escuro do sistema que tanto prezava e que não conviria denegrir na hora da presente crise. Mas fosse como fosse, a análise mais profunda que gritantemente aqui faltou fazer daria azo a que o ensaísta pudesse extrapolar esta realidade para o caso português e, pelo menos, prevenir que esse fantasma da corrupção entrasse no seu próprio sistema precavendo assim o país quanto a um futuro mais límpido.

É inevitável ter de se falar, nesta altura, de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) e de Thomas Carlyle (1795-1881) por uma razão cronológica de grande peso e influência. Ambos tinham publicado, em 1829, um ano antes desta obra de Garrett ser publicada, dois ensaios de extenso e profundo significado para a história do pensamento britânico, mas não só para este. Coleridge, recuperado há relativamente pouco tempo de uma situação de aguda opiomania que parecera irreversível, publicara nesse ano uma das suas mais importantes obras em prosa – *Sobre a Constituição da Igreja e do Estado, Segundo a Ideia Atribuída a Cada*¹⁰ – que levava consigo todo o peso do prestígio do poeta granjeado na década de 1790, bem como a simpatia de um público leitor de ideias muito mais conservadoras, pela sua conhecida abjuração dos princípios da Revolução Francesa que, também nesses mesmos anos, seguira e promovera ardentemente. No caso de Carlyle, só quatro anos mais velho que Garrett, o ensaio que publicara – *Sinais dos Tempos*¹¹ – viria a servir-lhe de farol para tudo aquilo que iria escrevendo durante a sua longa vida.

O fio comum que se pode encontrar nestes dois ensaios é o diagnóstico do estado deplorável em que se encontrava a sociedade na Inglaterra e a urgência de se pensarem e proporem soluções profundas para sanar o presente e salvar o futuro. As preocupações de Coleridge levaram-no a sugerir uma solução que salvasse a nação através da Cultura – aquilo a que chamou *cultivation* – implementada por um Terceiro Estado, a «Clerisia» (sem conotações com qualquer Igreja). Este Terceiro Estado

cultural, eco daquele sobre que assentara o início da Revolução Francesa, serviria de fiel de uma balança cujos pratos presentemente irreconciliáveis e em desequilíbrio – a imutabilidade e o progresso – estavam paulatinamente a lançar a nação no caos da apatia e da irresponsabilidade.

Para Carlyle era ao extenso e profundo dilúvio trazido pelas gélidas águas do Mecanicismo que se devia a ruptura do tecido social, não só nos aspectos mais visíveis mas também, e principalmente, nos que nos são mais íntimos, corrompendo-os para lá do sanável. Os malefícios desta Idade da Máquina, cujos efeitos tanto preocupavam Carlyle, não podiam ser ultrapassados por uma mera solução de tipo cultural preconizada por Coleridge, mas sim por uma solução política que contemplasse exclusivamente a participação de certas elites. Mais para os meados do século XIX, Carlyle iria desenvolver esta tentativa de solução, a qual viria a transformar-se numa proposta de aliança entre a aristocracia de sangue e a do dinheiro, ou seja, entre os antigos e os novos detentores do poder político e económico ¹².

Partindo assim da mesma denúncia, ambos os pensadores ingleses preconizavam soluções de profunda remodelação do tecido social, as quais, no caso de Carlyle, viriam a confrontar-se mais tarde com o próprio conceito de democracia e a pôr em causa, de igual modo, o de parlamentarismo e da sua practibilidade.

É mais que provável que Garret, nos círculos da aristocracia e da alta burguesia inglesa intelectual ou pseudo-intelectual em que se movimentava, tenha tido contacto com, pelo menos, um destes dois ensaios ¹³. Uma das frases-chave em que se baseia o estudo garrettiano de que vimos falando ecoa claramente as mesmas preocupações de Coleridge e Carlyle expressas em 1829. Garret é peremptório nesta afirmação fulcral à roda da qual constrói os pilares do seu ensaio: «A civilização exasperada pela perseguição da oligarquia nos trouxe a crise actual.» (1-807) Trata-se aqui, claramente, na opinião do autor, de um problema civilizacional de fundo eminentemente cultural, do mesmo género que afligia aqueles dois outros escritores e os chamava à participação pública, cada um à sua maneira. Ambos fincavam as suas desilusões presentes na mesma denúncia da desumanização da sociedade, da mecanização do corpo e do espírito, do indiferentismo, enfim, contra o qual o ensaísta português também se insurgia, como fonte de todos os males políticos e sociais. Mas para Garret

a solução estava na plenitude da filosofia do seu liberalismo transposto para aquilo que ele desejava que fosse a realidade portuguesa pela via de um parlamentarismo ético e quase mítico.

Negar à partida a Portugal, nesta época, uma concepção do regime parlamentar que não se apresentasse ideal e livre de máculas, seria recusar-lhe todo o valor da causa libertadora do liberalismo, ou seja, seria o caso em que um Garrett suicidário viria a público desdizer o interesse da sua própria existência até então, da sua luta, que já tanto sofrimento lhe trouxera, transformando a sua atitude, afinal, numa aceitação implícita das benesses trazidas pelas monarquias absolutas e pelos seus sequazes. Numa palavra, seria a denúncia da ausência do futuro. Se tivesse enveredado por esse caminho, atrairia, portanto, sobre si mesmo e sobre esta sua obra aquele anátema que recai sempre sobre a revelação explícita da indizível inconfidência. Daí que, face a esta situação, Garrett preferisse – ou não soube fazê-lo de outra forma – fixar-se no ponto temporal de uma análise social cujas melhores soluções de futuro para o seu país pareciam ser aquelas que apontava. Contudo, era esse mesmo ponto temporal que, por um tipo de análise semelhante, catapultava já Coleridge e Carlyle para outras procuras. É a partir daqui que se tem de ter a noção de que Garrett sabia – e temos de confessar em seu abono, realisticamente – que estava a escrever para um público que vivia uma situação confinada ao pequeno quadrilátero posicionado no canto inferior esquerdo da Península Ibérica.

E é por isto mesmo, estou em crer, que Gomes de Amorim não se refere a outras conotações com autores ingleses que tivessem influenciado Garrett, para além dos mais confortáveis, ou seja, os literatos Scott e Byron, mais o aplauso de Godwin. Amorim não se cansa de evidenciar que a obra saída da «lyra immortal do proscrito», «o cantor d'essa illiada portentosa», bem como os seus escritos políticos e pedagógicos, se tinham insinuado no «animo dos estranhos», predispondo-os «a favor do paiz a que pertencia o desterrado bardo que os commovia e encantava». (FGA I-501-2) Teria sido desta forma que a sua obra contribuiu grandemente para uma maior compreensão do caso português «na balança da Europa». Por esta via, poderia então alicerçar-se o significado da vasta obra que Garrett já publicara em França e na Inglaterra, bem como o nível europeu que, segundo o entusiástico Amorim, teria inegavelmente alcançado, mesmo que, temos nós de dizer com algum amargor, apresentando soluções portuguesas para casos portugueses.

Regressando à análise que Garrett fez do país que o acolhera pela primeira vez, pena foi que não tivesse escrito um sistemático livro de viagens em que coligisse, exclusivamente, as suas experiências e opiniões pessoais tanto da Inglaterra como da França. Daí que os seus textos sobre o primeiro país em que se exilara surjam por vezes desconexos e sem um propósito claro, como já vimos. As agitadas circunstâncias da sua vida de exilado contribuíram grandemente, com toda a certeza, para a consolidação das bases de uma tal situação. Esta ideia, que Gomes do Amorim perfilha, depois de ter questionado o próprio Garrett sobre o assunto, parece não ser a única explicação para o atento biógrafo. Em sua opinião, que em nada de palpável se baseia, Garrett teria escrito «largamente as suas memórias e peregrinações d'esse tempo». Todavia, sendo elas demasiado íntimas, mormente em relação ao seu relacionamento com a esposa, Luísa Midosi, teriam sido todas destruídas, salvando Garrett, «calculadamente», os fragmentos que agora existem. Amorim *dixit*. (FGA I-336-7)

Seja como for, não temos outros textos senão aqueles de que fomos falando e que, para o tema deste discorrer, foram dando, seguramente, algumas pistas. Garrett divide-se, permanentemente, entre atitudes de *odii et amo* em relação ao país onde foi tão fraternalmente recebido por alguns, sem que, por outro lado, deixe de ver, mesmo assim, o arrogante e até despótico modo de estar do seu governo (mas também não só deste) a nível internacional e mais particularmente em relação ao especial «aliado», Portugal. Poucas anotações sistemáticas apresentou Garrett sobre a sociedade inglesa, a não ser aquelas em que se referia aos círculos da alta burguesia e da aristocracia que o atraíam inapelavelmente. Esta atracção cegou-o sem remissão, especialmente para uma análise completa dos problemas que diziam respeito ao modelo de uma sociedade dita liberal que ele mesmo preconizava em teoria. Esta sociedade-modelo, todavia, apresentava uma realidade no seu tempo na qual uma nação poderosa como a Inglaterra se mostrava socialmente truncada em duas. Mas como se isto não bastasse, estas duas partes permaneciam separadas por um fosso inultrapassável, situação esta de incontornável conhecimento e meditação que Garrett só muito de leve toca, para nosso demasiado incómodo desconforto, em *Portugal na Balança da Europa* e no texto sobre o povo das minas junto às românticas ruínas do castelo de Dudley.

Para o poema «Magriço», que já tinha muito adiantado em Inglaterra, coligia Garrett naquele país apontamentos e notícias. Dos poucos frag-

mentos que restam deste longo poema perdido na barra do Douro poderemos fazer uso para terminar esta digressão pela Inglaterra que Garrett quis ver e que, afinal, sentiu à sua maneira peculiar, envolvido pelas circunstâncias especiosas do seu tempo e da sua posição:

E assim foi que, atentando mais de perto,
Vi tanta asneira, vi tanta sandice,
Que desatei a rir, por fim, de tudo.
De Heraclito chorão deixei a escola,
E alegre sigo o pachorrão Demócrito.
Quero rir com Diógenes, com ele
No cínico tonel entrincheirar-me
Contra as sandices deste parvo mundo. (I-1953-4)

Não é sem algum significado digno da nossa meditação o facto de a «lyra immortal do proscrito», sediada naquele centro de poder do Universo que era Londres e a Inglaterra, desejar defender-se, cansada e aviltada, contra as «sandices deste parvo mundo». As soluções ideais ou faltavam, ou falhavam, deixando sempre de ser soluções, por mais honestas que fossem, para um mundo que se requintava em mostrar-se cada vez mais parvo e mais sandeu.

E se a realidade, fria e cruamente, só tinha às vezes maneira de existir sendo sonhada, outras vezes haveria em que era forçoso fingir que se ia criar uma nova – a que agora chamaríamos realidade virtual – a qual se anunciasse então como plenamente benfazeja, soubéssemos embora nós que já era experiência falhada por dentro de outras realidades mais experimentadas.

O círculo dentro do círculo dentro do círculo.

É então que chega a altura em que, como no caso de Garrett nesta época, a única defesa que o exilado da vida pode ainda encontrar depois de tudo ter tentado e enquanto se vai desmoronando à sua volta o mundo, é a de, cínico, abafando o riso oco, entrincheirar-se no tonel de Diógenes tal como esse desgraçado amigo da sabedoria fazia pela calada da noite ateniense, nesse outro antigo centro de poder do Universo.



Juramento da Constituição.
(D. A. Sequeira).

Notas

¹ Folheto anónimo onde este soneto é dedicado «Á Grãa Bretanha», e datado de Lisboa, 19 de Agosto de 1808. Encontra-se no Fundo Barca Oliveira, da Biblioteca Pública de Braga. Como é do conhecimento geral, esta Biblioteca foi fundada em 1841 sob os auspícios directos de Almeida Garrett.

² Neste artigo, todas as referências à obra de Garrett reportam-se aos dois volumes (designados I e II) de *Obras de Almeida Garrett*, 1963, Porto, Lello & Irmão, Editores.

³ Amorim, F. G. de, 1881, *Garrett Memórias Biographicas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 3 vols. Indicado, daqui em diante, pela sigla FGA.

⁴ Para a discussão das opiniões de Oliveira Martins aquando da sua visita a Inglaterra em 1892, e que publicaria sob o título *A Inglaterra de Hoje (Cartas de Um Viajante)* (1893), vd. o meu artigo «A Roda de Ixion. Oliveira Martins, *A Inglaterra de Hoje*, e o Portugal de Sempre», in *FORUM* 15/16. Jan.-Jul. 1994, pp. 93-122.

⁵ É numa nota dedicada ao primeiro destes versos aqui citados que Garrett deseja sublinhar ainda mais a sua gratidão, escrevendo: «Eu quis designar aqui o couto e guarida que os perseguidos achamos sempre naquela ilha feliz: por mim pessoalmente não encontrei só isso, mas casas e corações abertos que me *agasalharam*, e em que me esqueci muita vez de que era estrangeiro e proscrito.» (II-424) E nos apontamentos de viagem, datados de 1823, em Birmingham, afirmava Garrett, sem hesitar: «Aqui vivemos hospedeiramente tratados com tal amizade, carinho e delicadeza, que seríamos uns monstros de ingratidão se em toda a parte do mundo, onde nos o destino levar, não pregoarmos as obrigações eternas de que a esta família respeitável somos devedores.» (I-627)

⁶ Encontra-se esta passagem no capítulo XLIV do romance: «Eu vivi poucos meses em Inglaterra; mas foram os primeiros que posso dizer que vivi. Levou-me o acaso, o destino [...] ao interior de uma família elegante, rica, de tudo o que pode dar distinção neste mundo.

Estranhei aqueles hábitos de alta civilização, que me agradavam contudo; moldei-me facilmente por eles; afiz-me a vegetar docemente na branda atmosfera artificial daquela estufa, sem perder a minha natureza de planta estrangeira.» (I-185-6)

⁷ Esta parte do poema é de uma violência tal, que o próprio Garrett se viu obrigado a desvalorizar aquilo que escrevera por meio de uma nota especial onde afirma: «Em tudo e em toda a parte há um lado ridículo que não é difícil achar; nem criminoso descobrir se não forem excedidos os limites do folgado, que não degenerem em sátira amarga. A intenção do autor por certo não foi chegar lá; porque nunca o fez – nem a seus mais cruéis inimigos – e bem pode dizer com Crebillon: *Aucun fiel n'a jamais empoisonné ma plume.*» (I-1655)

⁸ Este é o primeiro de quatro sonetos anónimos que fazem parte de um folheto volante intitulado «A Voz dos Portugueses Emigrados em Plymouth». O exemplar consultado pertence ao Fundo Barca-Oliveira, da Biblioteca Pública de Braga.

⁹ A obra monumental de Godwin publicada em 1793, *Inquérito Respeitante aos Princípios da Justiça Política, e à sua Influência na Virtude e Felicidade Gerais*, teve enorme aceitação entre

os poetas Românticos ingleses, especialmente entre Wordsworth, Coleridge e Southey. Estes dois últimos poetas tentaram levar à prática as teorias de Godwin, propondo-se fundar uma comunidade igualitária, a que chamaram Pantisocracia, nas margens do rio Susqueannah, nos Estados Unidos da América. Este projecto, contudo, viria a falhar ainda antes de ser posto em prática. P. B. Shelley, poeta da chamada segunda geração de Românticos, tinha uma entusiástica admiração por Godwin, através da leitura daquela mesma obra, vindo a casar, em circunstâncias fora do normal, com a filha do filósofo, Mary, a futura autora de *Frankenstein*.

¹⁰ *On the Constitution of the Church and State, According to the Idea of Each*, in Morrow, J., (ed.), 1991, *Coleridge's Writings. On Politics and Society*, Princeton, New Jersey, Princeton University Press, vol. 1, pp. 152-220.

¹¹ *Signs of the Times*, in Harvie, C. et alia, 1975, *Industrialisation and Culture, 1830-1914*, London, Macmillan, p. 21.

¹² Para uma discussão mais aprofundada das posições de Coleridge e Carlyle sobre este assunto, vide o meu artigo «O Mal do Século: Carlyle, Ruskin e Oliveira Martins», *Cadernos do Noroeste*, vol. 7 (1), 1994, pp. 123-140.

¹³ Tendo encontrado no jornal *The Examiner* uma notícia que achou curiosa sobre a prática (bastante corrente no século XVIII e já menos no XIX) da venda de esposas nas feiras de algumas cidades ou vilas inglesas, Garrett, na nota que tomou desta ocorrência, deixou um apontamento onde referia um contacto a ter com William Hone a fim de conseguir alguns esclarecimentos sobre este assunto. Hone (1780-1842) fora um activo e notório panfletário, parodista e editor influente entre 1817 e 1823 e continuava activo em 1831, data da nota de Garrett, embora muito menos. Apesar de toda a sua actividade como publicista, Hone era tido como escritor menor, e até uma personagem desprezível para as pessoas ligadas ao governo, a quem ele criticara impiedosamente, tendo falecido em 1842, na miséria. Para Garrett conhecer Hone, muito mais facilmente teria ouvido falar das últimas obras de Coleridge e de Carlyle, cuja clientela se encontrava entre os círculos que Garrett frequentava, como já se disse.